

A pessoa humana no pensamento de Edith Stein

The human person in the thought of Edith Stein

Gabriel Mauro da Silva Rosa

Graduado em filosofia pelo Seminário Maior “Dom José André Coimbra”. Graduando do 3º período do curso de Letras do Centro Universitário de Patos de Minas.

E-mail: gmauros@gmail.com

Edmar José da Silva

Professor orientador (Seminário Maior “Dom José André Coimbra”). Mestre em Filosofia (PUG-Roma), especialista em Filosofia Moderna (UFOP) e em Metodologia do Ensino Superior.

E-mail: famariana@filosofiae.edu.br

Resumo: A pessoa humana é o fenômeno que mais atrai a atenção no “mundo-da-vida”. Ao abordar o tema do ser humano nesta pesquisa, buscou-se responder à pergunta: “O que é o homem?” no pensamento de Edith Stein. A metafísica, de modo particular, a fenomenologia, se mostra como uma ferramenta útil no conhecimento da pessoa humana, visto que há aspectos que não podem ser colhidos por meio de recursos técnicos, mas apenas por meio da reflexão, da vivência e da observação. Nesse sentido, Stein descobriu, por meio do método fenomenológico de Husserl, que a pessoa humana é formada por um corpo, uma alma e um espírito. Assim, o homem não é um corpo material apenas, mas é também um corpo animado, vivo, denominado “leib”. É composto por uma alma (seele), com suas peculiaridades próprias, e um espírito (geist), o qual lhe permite decidir, avaliar e ter uma vida ética. A dimensão espiritual é o marco de diferença entre o homem e os demais seres vivos. É o que o faz ser homem e não outra coisa. Por oferecer uma concepção de pessoa humana, a antropologia steiniana é muito útil à pedagogia, pois, para que haja um autêntico processo formativo, é necessário que o formador saiba o que é o homem.

Palavras-chave: Pessoa humana. Formação. Fenomenologia. Edith Stein.

Abstract: The human being is a phenomenon that most attracts the attention to the “world-of-life”. On approaching this theme on this research, it was sought to answer a question: “What is the man?” according to Edith Stein’s thinking. Metaphysics, in particular, the phenomenology, is shown as a useful tool on the human being knowledge, since there are aspects that might not be collected through the technical resources, but only through reflection, experience and observation. In this sense, Stein has discovered that through phenomenological means of Husserl, the human being is formed by a body, a soul and a spirit. Therefore, man is not a material body only, but it is also an animated body, alive, named “leib”. It is composed by a soul (seele), with its own peculiarities and a spirit (geist), to which allows the capacity to decide, to evaluate and to have an ethic life. The spiritual dimension is the difference mark between the man the other living beings. This is what makes someone a man and not something else. To offer a conception of human being, the Steinian anthropology is very useful to the Pedagogy, so that there is an authentic formative process, it’s necessary that the former knows what the man is.

Keywords: Human being. Formation. Phenomenology. Edith Stein.

1 *Considerações iniciais*

Edith Stein foi uma grande educadora e filósofa alemã, discípula fiel de Edmund Husserl, cujo pensamento conserva o método fenomenológico deste último. Morta na câmara de gás pelo regime nazista, foi e é hoje um sinal de contradição em uma sociedade desumana e reducionista. Em uma época de grandes descobrimentos a respeito da estrutura transcendental da pessoa humana na perspectiva da filosofia e da psicologia, Stein ofereceu e oferece grandes contribuições, principalmente no campo desta última e também na pedagogia. Baseado na importância dessa grande filósofa e na atualidade da sua antropologia filosófica escolheu-se como tema deste estudo a concepção de pessoa humana em Edith Stein. Sabe-se que esse tema é bastante complexo, visto que cada pessoa possui uma individualidade que merece um estudo acadêmico específico.

Ao realizar este estudo, são buscadas, na perspectiva steiniana, respostas para os seguintes questionamentos: o que é o homem? O que torna o ente humano pessoa e não outra coisa? Quais são as implicações do pensamento steiniano na formação da pessoa humana? Para os questionamentos levantados, parte-se do pressuposto de que o ente humano é um ser psicofísico formado por um corpo, no qual leva sua alma (impulsos psíquicos) e seu espírito (razão). Por ser ético, capaz de atribuir valor ao “mundo-da-vida”, é capaz de escolher entre o bem e o mal e de formar uma comunidade cultural. Diante dessas características, o ente humano se difere do mundo animal, visto que este último é movido por impulsos instintivos, sendo incapaz de escolher e atribuir valores éticos ao mundo.

Por oferecer fundamentos de antropologia filosófica, de modo particular, a fenomenológica, as contribuições de Stein são muito importantes no campo da psicologia, principalmente por ser uma antropologia qualitativa e não quantitativa. Na pedagogia, o estudo é importante por tratar do tema da pessoa, pois quanto mais se conhece o indivíduo, maior será a capacidade de atuação do profissional na formação deste mesmo. Além disso, não é possível educar sem possuir fundamentos e, principalmente, sem antes conhecer aquele que será formado. Todo trabalho realizado tem sua importância, e acredita-se que o presente estudo poderá contribuir aos que atuam no campo da educação e da psicologia, para que possam compreender melhor o que é a pessoa humana, auxiliando na análise qualitativa do fenômeno humano e na práxis pedagógica. Acredita-se, também, que esse estudo é importante para a sociedade, que tanto tem divulgado o tema da dignidade da pessoa humana, mas que também tem desrespeitado e violado essa mesma dignidade.

Foi utilizada como obra de referência “La estructura de la persona humana” da própria filósofa em questão. Além disso, também foram utilizados outros escritos de Edith Stein que tratavam do tema de interesse desse estudo, bem como obras de demais estudiosos de seu pensamento. O primeiro tópico apresenta a estrutura da pessoa humana no pensamento de Stein, o homem como ser pessoal e a composição harmônica da pessoa humana. O segundo tópico aborda a tríplice estrutura do ente humano, a dimensão corporal – o homem como ser material e como organismo, a alma (seele) e o espírito (geist). Por fim, o terceiro tópico trata da formação do ser humano: consequências pedagógicas da antropologia de Stein.

2 A estrutura da pessoa humana no pensamento de Edith Stein

Sabe-se que o tema da pessoa humana é amplo, por ser o foco de atenção de vários outros campos de estudo. Tendo em vista a incapacidade de abordar o tema na sua amplitude e complexidade, abordar-se-á, neste tópico, a estrutura da pessoa humana no pensamento de Edith Stein. Pode-se afirmar que o pensamento de Stein é coerente com sua vida, pois durante muitos anos lecionou no Instituto superior de Pedagogia Científica, podendo colher, a partir de suas observações, fundamentos apropriados para um real e válido fundamento pedagógico e da formação. Sobre as implicações da antropologia steiniana no campo da pedagogia, tratar-se-á mais adiante.

A antropologia filosófica que Edith Stein desenvolveu é a integração enriquecida com base em observações contínuas e retrabalho que envolve não somente a fenomenologia, mas também que, após seu contato com a filosofia cristã, recebe a influência de Tomás de Aquino, Santo Agostinho, Duns Scoto, Pseudo-Dionísio e também a mística carmelitana (João da Cruz e Teresa de Ávila). O que a põe em movimento é a necessidade de compreender a pessoa humana, tudo o que lhe afeta em seu ser e em suas relações. Ela procura investigar a pessoa na sua estrutura individual, mas também o seu ser social, o indivíduo diante da comunidade. A pessoa humana é o núcleo de todo o pensamento steiniano. Ao fazer a análise da empatia como um especial ato de conhecimento do outro na sua tese de doutorado, a essencialista se dá conta da constituição do indivíduo “psicofísico” como algo complexo, mas de extrema importância para a compreensão do ser humano. Ela afirma que o homem

[...] é um ‘composto’ de vários estratos: o Eu puro, como sujeito de experiência e unidade de consciência; a alma como parte essencial do indivíduo, sua unidade substancial, o corpo ao que está unida a alma e que se vive como ‘experiência’, como ‘meu corpo’ e, portanto, como algo vivo (Leib e não Korper). (STEIN, 2007, p. 32, tradução nossa).¹

Por meio da análise sobre a empatia (Einfühlung), a filósofa inaugura o ponto de partida nas suas reflexões acerca da pessoa humana, pois, para que ocorra a empatia, é preciso que haja um corpo, uma alma e um espírito, ou seja, um indivíduo estruturado. Abordar-se-á neste tópico a estrutura da pessoa humana no pensamento de Edith Stein. Seu interesse é oferecer fundamentos de antropologia filosófica à ciência que trata de formar homens, denominada pedagogia. Ademais, por mais que se retorne aos conceitos fundamentais de sua antropologia com a finalidade de responder à pergunta “o que é o homem?” dentro de seu pensamento, esse estudo não conseguirá abordar de modo completo e exaustivo todos os elementos da sua concepção antropológica. Sua antropologia parece não ter fim, característica essa da

¹ “[...] es un ‘compuesto’ de varios estratos: o Yo puro, como sujeto de experiencia y unidad de conciencia; El alma como parte esencial del individuo, su unidad sustancial; el cuerpo al que esta unido el alma y que se vive como ‘experiencia’, como ‘mi cuerpo’ y por tanto como algo vivo (leib y no korper)”. A palavra “Leib” traduzida do alemão para o português significa “corpo vivente”, enquanto a palavra “Korper” significa corpo material.

fenomenologia e da própria filósofa, que sempre esteve em busca do que seja o ente humano.

2.1 O homem como ser pessoal

No capítulo sétimo da obra “Ser finito e Ser eterno”, intitulado “Imagem da Trindade na Criação”, apresentando a pessoa humana, Stein fala de Deus como Ser em pessoa. É importante ter em mente que, nessa obra, Stein já havia tido contato com as obras de filósofos cristãos, de modo particular, Tomás de Aquino, conforme já foi afirmado. A tradição aplica o conceito PESSOA ao homem, essa palavra que, em sua plenitude, convém somente a Deus. Pode-se aplicá-la ao ente humano somente por analogia.

Pessoa exige espiritualidade. Nesse sentido, enquanto pessoa, o homem é um ser espiritual, em cujo espírito há algo peculiar: um centro a partir do qual ele se pertence plenamente, está em si, pode entrar e sair de si mesmo. Tendo em vista sua espiritualidade, a pessoa humana pode entrar no mundo que se manifesta a ela sem que ela perca nada de si mesma. O ser pessoa traz consigo, nessa espiritualidade que se traduz em interioridade, o dom de possuir-se e de poder se conhecer. Portanto, a pessoa possui compreensão e liberdade.

Tendo conhecimento de si mesma, cada pessoa também tem a capacidade de dirigir os seus processos com o domínio dos atos que ocorrem na temporalidade. Cada pessoa encontra a si mesma como um “eu”. Mesmo não sendo uma pessoa completa, em plenitude, o ente humano é verdadeiramente pessoa. Isso faz dele um ser de dignidade, o que lhe dá certo mistério impenetrável. O ente humano é sagrado porque é pessoa e tudo o que é humano tem um imenso valor, partindo desse núcleo original. No entanto, não podemos reduzi-lo somente a esse núcleo, porém é impossível prescindir dele. O homem “é” e está em um contínuo “fazer-se”. Ele aspira à plenitude, é aberto a tudo o que é grande e nobre para aperfeiçoar-se progressivamente. As implicações pedagógicas desse fato são múltiplas.

2.2 A composição harmônica da pessoa humana em Stein

Em suas reflexões filosóficas, Stein parte da pergunta: “O que é o homem?” Nesse sentido, a resposta que encontrou foi que a pessoa humana é formada em três aspectos: corpo, alma e espírito. Para a pensadora, a trilogia corpo, alma e espírito, de origem bíblica e de tradição agostiniana, responde melhor à pergunta sobre a verdadeira dimensão da pessoa humana do que a composição hilemórfica, dualista, de raiz aristotélica. O homem possui um corpo, porém um corpo animado, em que reside a sua alma. Em relação aos movimentos, o homem não possui plena liberdade sobre seu corpo, pois não pode sair dele para contemplá-lo nos seus diversos ângulos. Mas o homem não se prende à observação externa, pois pode se perceber desde dentro, pois ele não é pura materialidade, é constituído de uma alma que dá vida ao seu corpo.

Posso separar-me idealmente dele e contemplá-lo como desde fora. Porém, em realidade, estou atado a ele: estou ali, onde está o meu corpo, por muito que

“com o pensamento” possa transladar-me a outro extremo do mundo, e inclusive, superar todas as barreiras espaciais. (STEIN, 2007, p. 100, tradução nossa).²

O homem pode perceber que é corporeidade por meio das sensações, como, por exemplo, quando ele sente frio ou experimenta a sensação de dor. Stein concebe uma imagem positiva do corpo. Ele é o que define a pessoa, é a fonte de vida espiritual, ou seja, tudo o que afeta o homem. No entanto, a pessoa humana sente a sua realidade corporal como um “fundo escuro”, no sentido de que este o limita. O corpo recebe esta dominação porque expressa o lado da experiência negativa. Na sua tríplice estrutura, o corpo encontra-se no exterior. Para Edith, o ser finito se realiza como pessoa na integração harmônica de sua tríplice estrutura.

O ser humano é um ser corporal vivo-anímico-espiritual. Enquanto o homem é espírito segundo sua essência, sai de si mesmo com sua “vida espiritual” e entra em um mundo que lhe abre, sem perder nada de si mesmo. “Exala” não só sua essência – como em todo produto real – de uma maneira espiritual expressando-se o mesmo de modo inconsciente: ademais atua pessoal e espiritualmente. A alma humana, enquanto espírito se eleva em sua vida espiritual acima dela mesma. Porém o espírito humano está condicionado pelo que lhe é superior e inferior: está imerso em um produto material que ele anima e forma em vista de sua configuração de corpo vivo. A pessoa humana leva e engloba “seu” corpo vivo e “sua” alma, porém, é ao mesmo tempo levada e envolta por eles. Sua vida espiritual se eleva de um fundo escuro, sobe como uma chama de círio brilhante, porém nutrida por um material que ele mesmo não brilha. E brilha ela sem ser absolutamente luz: o espírito humano é visível para si mesmo, porém não é totalmente transparente; pode iluminar outra coisa sem atravessa-la inteiramente. (STEIN, 2007, p. 959-960, tradução nossa).³

A pessoa humana “reside” em seu corpo como num “domicílio inato”, tendo consciência do que se passa e como se passa nele. Além do corpo, o homem possui

² “Puedo separarme idealmente de él y contemplarlo como desde fuera. Pero em realidad estoy atado a él: estoy allí, donde está mi cuerpo, por mucho que ‘con el pensamiento pueda transladarme al otro extremo del mundo, e incluso superar todas las barreras espaciales’.”

³ “El ser humano es un ser corporal vivo-anímico-espiritual. En cuanto el hombre es espíritu según su esencia, sale de sí mismo con su ‘vida espiritual’ y entra en un mundo que se le abre, sin perder nada de sí mismo. ‘Exhala’ no sólo su esencia – como toda hechura real – de una manera espiritual expresándose él mismo de modo inconsciente: además actúa personal y espiritualmente. El alma humana en cuanto espíritu se eleva en su vida espiritual por encima de sí misma. Pero el espíritu humano está condicionado por lo que le es superior e inferior: está imerso en un producto material que él anima y forma en vista de su configuración de cuerpo vivo. La persona humana lleva y abarca ‘su’ cuerpo vivo y ‘su’ alma, pero, es al mismo tiempo soportada y abarcada por ellos. Su vida espiritual se eleva de un fondo oscuro, sube como una llama de círio brillante pero nutrida por un material que él mismo no brilla. Y brilla ella sin ser absolutamente luz: el espíritu humano es visible para sí mismo, pero no es del todo transparente; puede iluminar otra cosa sin atrevesarla enteramente.”

uma alma e esta não se manifesta somente nos atos vitais, que exerce a semelhança dos animais, mas também neste mundo interior como centro vivente para onde tudo tende e do qual tudo parte. Na sua tríplice estrutura, a alma está no meio. O ente humano é algo muito complexo e complexa é sua alma. Esta é dividida em aspectos psíquico e espiritual. O psíquico está ligado às reações do mundo exterior, independentemente de sua escolha. Se o homem ouvir um forte rumor, por exemplo, sua reação será a de sentir medo. O termo “pessoa humana” é universal. Todos são pessoas, e, partindo desse conceito, eticamente todos merecem respeito. Porém, a alma, ao entrar no mundo, se coloca no plano da individualidade.

Quanto ao aspecto espiritual, a alma é simples e aberta, tende para o além (metafísica) e para o outro eu. Stein demonstrou isso na sua tese doutoral sobre a empatia, termo esse que havia sido empregado pelo seu mestre Edmund Husserl brevemente, e que ela aprofunda em sua tese. Stein se interessava, de modo particular, por essa abertura do ente humano. Partindo da concepção de que o homem é um microcosmo, termo muito importante na fenomenologia, Edith afirma que o homem pertence à natureza, por ser constituído pelo corpo, mas por ser psique, pertence ao reino espiritual. Como ele é pertencente ao reino do espírito, ele pode colocar na natureza algo de bem ou de mal. Diferentemente dos animais, somente o ente humano tem o aspecto espiritual. O homem pode ser perverso ao passo que o animal é somente selvagem. Essa é sua natureza. Somente a pessoa pode colocar bondade ou maldade em seus atos. O espírito permite ao homem tomar decisões e refletir. Na sua composição harmônica, o espírito encontra-se no alto.

Partindo desse pressuposto, o homem pode escolher participar só do reino da natureza ou só do reino do espírito. Assim, há seres humanos que escolhem o reino da natureza, vivendo como animais. No entanto, viver como animal não é típico do homem, mas somente dos animais. A pessoa pode seguir sua tendência instintiva, mas pode superá-la pelo reino espiritual. A vida moral não é algo que se acrescenta ao ente humano, mas algo que o acompanha. Pode-se afirmar que na sua tríplice estrutura o homem é corpo, alma e espírito e não apenas uma das partes isoladamente. Todas as dimensões estão interligadas e não é possível que haja uma sem houver a outra. Se não há alma, o corpo é uma coisa material como qualquer outra coisa, carece de vida, e se não há corpo, não é possível haver a alma. O corpo é o que o torna visível. Se lhe falta o espírito, seria igual aos animais, não poderia ter uma vida moral, nem decidir ou escolher. Em suma, a pessoa humana não é um ser tripartido, mas unitário. Portanto, pode-se concluir que, harmonicamente, na sua estrutura – corpo, alma e espírito – o homem é pessoa.

3 A tríplice estrutura da pessoa humana

Para Edith Stein e os demais filósofos da escola fenomenológica, a corporeidade é uma dimensão muito importante do ser humano, visto que a percepção passa através dela. “Podemos desenvolver uma análise da corporeidade. Nosso corpo tem dimensões que nós colhemos através do tato, mesmo quando nós estamos sentados.” (BELLO, 2004, p. 52). Husserl faz uma análise detalhada do corpo, afirmando que ele se manifesta a nós como um corpo que está vivendo, ao qual dá o nome de “Leib”,

distinguindo-o cuidadosamente do corpo que não tem vida (um cadáver, por exemplo), denominando-o “Korper”. O corpo físico (Korper) é o suporte de nossas ações, da nossa vida, e não está separado da nossa alma, a não ser após a morte, da qual não temos experiência direta. O corpo que vive (leib) é formado por um princípio vivo e vital que é a alma.

O corpo é o lugar dos sentimentos, da vontade, das tomadas de decisões. De um modo geral, pode-se afirmar que o corpo não é a “prisão da alma”, mas é o que torna a pessoa visível e a coloca em contato direto com as coisas e com os outros seres humanos. Pelo corpo, como mostrou Stein em sua tese doutoral sobre a empatia, é possível penetrar, em certa medida, na experiência dos outros seres humanos e no seu “mundo” interior. Quando se vê uma pessoa sorrindo ou chorando, olhando a expressão facial, sabe-se o que se passa com a pessoa. Prosseguindo sempre mais em suas análises, Stein nunca abandona o método fenomenológico, mesmo quando entra em contato com a filosofia cristã. Nesse sentido, o primeiro elemento que salta aos olhos quando se encontra alguém e que desperta a atenção é a corporeidade.

Junto ao corpo, a pessoa carrega diversas características, como forma, altura, cor que podem ser apreendidas na sua exterioridade. Nisso, pode-se afirmar que a pessoa humana, na sua constituição corpórea, é uma “coisa material”.

Por um lado, experimentamos outros homens de maneira distinta que a nós mesmos. Porém, também no encontro com outros em circunstâncias diferentes as que, em cada caso, passam a primeiro plano. Nas pessoas que não conhecemos é já o externo que primeiro nos chama a atenção: se são altas ou baixas, de pele clara ou escura, etc. A forma, a altura, a cor: todas essas são características que possui qualquer coisa material. De início, por sua constituição corporal, o homem é uma *coisa material* como qualquer outra, está submetido às mesmas leis e está inscrito no marco da natureza material. (STEIN, 2002, p.34, tradução nossa).⁴

Edith Stein, no entanto, faz uma diferenciação entre nosso corpo material com os demais, pois, se a pessoa fosse somente uma coisa material, seria reduzida a um corpo material qualquer. “[...] O ser humano possui pontos de recepção nos quais acolhe a realidade que está diante de si, assim com a capacidade de se mover, isto é, responder de forma motora àqueles estímulos que o tocam, configurando-se como ‘ser sensível e ser animado’”.⁵

⁴ “Por un lado, experimentamos a otros hombres de manera distinta que a nosotros mismos. Pero también en el encuentro con otros en circunstancias diferentes son cosas asimismo diferentes las que en cada caso pasan a primer plano. En las personas que no conocemos es quizá lo externo lo primero que nos llama la atención: si son altas o bajas, de tez clara u oscura, etc. La forma, la altura, el color: todas éstas son características que posee cualquier cosa material. De hecho, por su constitución corporal el hombre es una cosa *material* como cualquier otra, está sometido a las mismas leyes y está inscrito en el marco de la naturaleza material”.

⁵ COELHO JÚNIOR, A. G.; MIGUEL, M. A relação pessoa-comunidade na obra de Edith Stein. *Memorandum*, 2006. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/coelhomahfoud01.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2010.

Se uma figura de cera começasse a se mover, por exemplo, nós nos horrorizaríamos, pois é próprio de uma coisa inanimada permanecer imóvel, ao passo que o homem pode se mover, por ser configurado como corpo animado. A pessoa humana, juntamente com os demais seres vivos, é um ser vivente, ao contrário das coisas materiais. Ela sente o viver dentro de si e quer compreender qual seu sentido. O fenômeno que mais lhe atrai a atenção é o fato de sentir o próprio viver. Na fenomenologia é muito comum fazer comparações entre o mundo humano e o mundo animal. Segundo Bello (2004, p. 192), “[...] precisamos apreciar mais o mundo animal para poder fazer a comparação – os fenomenólogos sempre fizeram esta comparação”.

Pelo fato de o homem possuir a vida, ele é *Korper* e *leib* e não *Korper* apenas. Enquanto ser vivente, a pessoa possui um núcleo (alma) que anima e vivifica a corporeidade, apontando e direcionando para o processo de desenvolvimento. Durante todo o processo de crescimento, verifica-se uma série de “atividades”, como a alimentação, a respiração etc., que servem como meios para que o ser humano possa atingir sua etapa de desenvolvimento. Mas há também os “estados mutáveis”, como a saúde, o vigor, a doença, a fraqueza, que comprovam que há uma “força vital” presente no organismo e que influenciará de modo favorável ou inibitório no processo de desenvolvimento e nas vivências da pessoa. “A forma vital, a ‘alma’ faz do corpo humano um *organismo*. Quando nele já não há vida, só é uma coisa material como outras muitas” (STEIN, 2002, p. 45, tradução nossa).⁶ Em suma, pode-se afirmar que, além de corpo material, o homem é um organismo vivo, pois é dotado da forma vital que oferece vida ao seu corpo, o que o torna diferente de qualquer coisa material.

A alma humana despertou muito fascínio em Edith Stein. Por meio de seus estudos de psicologia, ela constatou que essa disciplina ainda não havia identificado essa parte do homem. A partir da fenomenologia, ela pôde fazer uma análise minuciosa, oferecendo bases sólidas para a psicologia e para as ciências do espírito. Seu objetivo foi, por meio do método fenomenológico, oferecer uma fundamentação filosófica da psicologia e das ciências do espírito, discutindo temas de fronteira entre a antropologia filosófica e a psicologia. Definir o que seja a alma parece difícil, visto que não se tem acesso fisicamente a ela, porém é possível senti-la tanto no homem quanto nos seres vivos. A fenomenologia faz uma análise rigorosa da alma em duas partes: a “*seele*”, que são as atividades psíquicas, impulsos que não são controlados pelo ente humano e “*geist*”, ou esfera espiritual, que também tem suas peculiaridades próprias. Analisando a antropologia de Teresa de Ávila, descrita na obra “Castelo Interior ou Moradas”, à luz do método fenomenológico, Edith atribui um novo sentido à alma em sua obra “Ser finito e Ser eterno”: “[...] A alma, como ‘castelo interior’, tal como a descreve nossa santa madre Teresa, não é a modo de ponto como o ‘eu puro’, e sim um ‘espaço’ – um castelo com muitas moradas – onde o eu pode mover-se livremente saindo ou retirando-se mais ao interior” (STEIN, 2007, p. 968, tradução nossa).⁷

⁶ “La forma vital, ‘el alma’, hace del cuerpo humano un *organismo*. Cuando en él ya no hay vida, sólo es una cosa material como otras muchas”.

⁷ “[...] El alma, como ‘castilo interior’, tal como la describe nuestra santa madre Teresa, no es a modo de punto como el ‘yo puro’, sino un ‘espacio’ – un ‘castilo’ con muchas moradas – donde el yo puede moverse libremente saliendo o retirándose más al interior”.

A alma é como um espaço interior no qual o “eu” se move livremente, como um castelo interior. “O eu é na alma aquilo pelo qual ela possui a si mesma e o que nela se move como no próprio espaço” (GARCIA, 1987, p. 62). Isso faz lembrar alguns pensadores como Pascal, Santo Agostinho e vários outros que atribuíam à alma um aspecto mais interior. Há na pessoa humana uma interioridade que não existe nos animais. O homem pode entrar e sair de si mesmo e, em certa medida, “penetrar” no mundo que se manifesta a ele. O homem é senhor de sua alma. O animal não conserva em seu ser nenhuma dessas características. Em “Ser finito e Ser eterno”, Edith caracteriza a alma humana como uma criatura espiritual, ligada à matéria por natureza. E, influenciada pelo Aquinate, afirma que isso aparece mais claramente quando se expressa que ela é a forma do corpo vivo. Para Stein, a alma é um ser em evolução. A alma “é” e se “faz”. Na sua concepção, o homem deve aprofundar em sua vida íntima, com a finalidade de conhecer sua dimensão anímica. Até aqui, considerou-se o aspecto “anímico”.

Na sua estrutura, a pessoa humana não é um ser tripartido, mas na sua composição harmônica, como se viu anteriormente, é corpo, alma e espírito. O espírito (geist) é uma “abertura para algo”, seja para o mundo objetivo das coisas da natureza, seja para o mundo subjetivo dos outros seres humanos (vivência empática) ou do Ser divino. Ele permite ao homem entrar em comunicação com os outros seres humanos, amar, conhecer, transcender a si mesmo, vivenciar sua corporeidade e sua psique. Através do espírito, a pessoa toma consciência e se posiciona diante dos aspectos psíquicos e utiliza seu corpo como instrumento a seu dispor. Edith compara o espírito a uma chama que se acende saindo de um lugar tenebroso. Essa chama se alimenta de uma matéria que não brilha; aliás, brilha, porém não é totalmente luz: é o espírito humano (que é visível para si mesmo), porém não é totalmente transparente. “Ser pessoa quer dizer ser livre e espiritual. Que o homem é pessoa: isto é o que o distingue de todos os seres da natureza” (STEIN, 2002, p. 94, tradução nossa).⁸

O homem é pessoa e, por ser pessoa, ele é um ser espiritual, cuja espiritualidade pessoal se traduz em despertar e abertura. O homem é e vive, é consciente de seu ser e de sua vida. Os animais também são e vivem, porém, ao contrário dos seres humanos, eles não possuem consciência de que estão vivendo. A liberdade, para Edith Stein, é o que define o homem como pessoa, é constitutivo do seu ser, diferenciando-o dos animais, dos seres inferiores. Somente o ser humano pode dar um valor e um sentido próprio ao comportamento, inclusive ao comportamento condicionado por tantas coisas. E, aceitando, a pessoa é livre diante desse condicionamento, do contrário será sempre escrava. Pela racionalidade, o homem pode deixar ou não se levar. Renunciando à sua racionalidade e à sua liberdade de opção, pode deixar-se arrastar por aquilo que seus instintos solicitam. Nesse sentido, a pessoa obscurece sua capacidade de ser pessoa. A filósofa alemã sublinha que, mesmo sendo a pessoa humana um ser livre, sua liberdade permanecerá sempre limitada.

⁸ “Que el hombre es persona: esto es lo que lo distingue de todos los seres de la naturaleza”.

4 A formação da pessoa humana: consequências pedagógicas da antropologia de Stein

Aquele que tem a missão de formar, plasmar, modelar a pessoa humana deve estar familiarizado com a sua natureza, para que o processo de formação se dê de modo eficiente e eficaz. Após haver apresentado a definição do que é o homem no pensamento de Edith Stein, não é incoerente tratar do assunto da formação da pessoa humana neste último tópico. Para que haja uma autêntica formação humana, é necessário considerar a pessoa na sua estrutura, corpo, alma e espírito. Segundo Stein, é impossível haver um autêntico processo formativo desvinculado de um profundo conhecimento da pessoa humana. É necessário, portanto, em primeiro lugar, saber quem é o homem. O curso que Stein ministrou “A estrutura da pessoa humana”, apoiado em bases sólidas de antropologia filosófica e fenomenológica, bem como da metafísica cristã, foi desenvolvido para a pedagogia, ciência esta que tem a missão de formar homens.

No processo de formação da pessoa humana, é necessário que haja uma práxis fundamentada, construída em bases sólidas e não sobre “bases de areia”. Uma prática de educação errada pode causar danos aos que estão em processo formativo. Nesse sentido, a pensadora alemã também afirma que o formador deve ser aquele que foi verdadeiramente formado, o que não é incoerente com sua vida, tendo em vista, de acordo com relatos biográficos, que foi um modelo para os formadores de sua época. Para Stein, formar corresponde a educar. Nesse sentido, afirma que “educar quer dizer levar as outras pessoas a chegarem a ser o que devem ser. Porém, não será possível educar sem saber antes o que é homem e como é para onde lhe deve conduzir e quais são os possíveis caminhos para isso” (STEIN, 2002, p. 195, tradução nossa).⁹

Sabendo o que é o homem, o formador será capaz de direcionar a pessoa humana no seu processo de formação. Como foi abordado anteriormente, o ser humano é um ser espiritual e somente ele possui esta parte da tríplice estrutura humana. Dessa forma, é necessário considerar essa espiritualidade presente no ser humano. Em todas as culturas, há aspectos da estrutura humana que são mais considerados e outros mais desvalorizados. Algumas dão valor demasiadamente ao corpo, outras à alma e outras ao espírito. Pode-se perceber isso nas manifestações artísticas, como, por exemplo, nas esculturas dos corpos humanos produzidos na Grécia antiga, com seu formato anatômico e robusto, dando-se o maior valor às formas do corpo. Atualmente, na cultura ocidental, a dimensão psicofísica do ente humano tem sido mais valorizada do que as demais dimensões, como se pode perceber no desenvolvimento da medicina, bem como da psicanálise. E o espírito? De acordo com a antropologia steiniana, o homem deve ser considerado em toda a sua estrutura. Por isso, é necessário um discurso antropológico filosófico que leve em consideração todas as dimensões do ser humano. E, como proposta, Edith Stein sugere que a antropologia filosófica seja complementada pela antropologia teológica, pois é necessário considerar a parte espiritual, haja vista que essa dimensão é propriamente humana. Assim, no

⁹ “Educar quiere decir llevar a otras personas a que lleguen a ser lo que deben ser. Pero no será posible educar sin saber antes o qué es el hombre y cómo es, hacia dónde se le debe conducir y cuáles son los posibles caminos para ello.”

âmbito formativo, aquele que tem a missão de conduzir o outro humano a alcançar o que ele deve ser alcançará o seu objetivo, porém deve ter sempre em mente as suas limitações. Durante todo o percurso de sua vida, Stein teve como meta encontrar respostas sobre a pessoa humana, mesmo sabendo que este é sempre um mistério, um ente que vela e se desvela. Mas, mesmo tendo consciência disso, ela pôde alcançar as respostas que tanto procurava, sempre descobrindo algo novo sobre o ser humano. Stein foi tão fascinada pela verdade do ser humano que, mesmo tendo a oportunidade de fugir das atrocidades cometidas aos judeus pelos nazistas, preferiu enfrentar a “sua sorte” junto aos seus, ajudando-os a enfrentar o sofrimento com coragem. Pode-se afirmar que a busca pela verdade do ser humano foi tão autêntica em Stein como o foi em Sócrates, que deu sua vida preferindo morrer pela verdade.

5 Considerações finais

Em uma época em que a ciência e os recursos tecnológicos têm falado mais alto, pode-se afirmar que a metafísica ainda continua sendo uma ciência muito importante, visto que há aspectos da dimensão humana que não podem ser colhidos por meio desses recursos, mas somente pela reflexão. Tendo em vista tal afirmação, pode-se concluir que a antropologia steiniana é um instrumento muito importante na compreensão da pessoa humana. Movida pela especulação presente em todas as épocas e culturas “o que é o homem?”, influenciada pela fenomenologia de Husserl e os demais fenomenólogos, Stein concluiu que o homem é um corpo vivo, diferente de todos os corpos materiais existentes.

A pessoa humana é *leib* (corpo vivo) e não *korper* (corpo material) apenas. Comparando o homem com os animais, com a finalidade de buscar a diferença entre ambos, Edith constatou que existem basicamente dois elementos constitutivos que o diferenciam destes: a presença da alma racional e do espírito, o qual lhe permite decidir, avaliar e ter uma vida ética. Juntamente com Tomás de Aquino, a judia-cristã reafirma ainda que o homem é um microcosmo, conservando em sua estrutura uma série hierarquizada de diferentes seres: matéria, plantas, animais, homens, espíritos puros, porém de forma unitária. O homem possui, ainda, três características anímicas: sua alma é vegetativa, sensitiva e racional. Quando estava ainda no curso de psicologia, percebe que essa ciência ainda não havia se dado conta da parte mais íntima do ser humano: a alma.

Decidida a descobrir melhor a estrutura do ser humano, Stein abandona o curso de psicologia que, a seu ver, carecia de fundamentos antropologicamente sustentáveis e não oferecia as respostas que buscava em suas indagações. Na fenomenologia, ela encontra o que procura e dedica as partes mais belas de suas reflexões ao estudo profundo do ente humano, oferecendo à psicologia o que ela ainda não havia desenvolvido. No entanto, o discurso que a filósofa faz em torno da alma é tão amplo que é impossível abordar todas as suas características, bem como é impossível identificar qual é a definição mais importante que ela dá para alma.

A metafísica, de modo especial a fenomenologia de Edith Stein, oferece grandes contribuições para a pedagogia. Para formar, deve-se estar familiarizado com a matéria que será moldada. Dessa forma, o formador deve ter em mente o que é a pessoa

humana. Com suas reflexões, Stein mostrou que a metafísica é de grande importância no conhecimento do homem, pois há aspectos que não podem ser colhidos por meios tecnológicos, mas apenas por meio da reflexão, da vivência e da observação. A ciência deve estar unida à metafísica e o formador deve utilizar de todos os instrumentos possíveis para compreender o que seja a pessoa humana, para que sua práxis se dê de modo eficiente e eficaz. Porém, compreender o que seja o homem é uma aventura instigante e por mais que se tenham informações do que seja o homem, este permanecerá sempre um mistério.

Referências

BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e ciência humanas: psicologia, história e religião*. Tradução de Miguel Mahfoud e Marina Massimi. São Paulo: Edusc, 2004. 329 p.

COELHO JÚNIOR, A. G.; MIGUEL, M. A relação pessoa-comunidade na obra de Edith Stein. *Memorandum*, 2006. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/coelhomahfoud01.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2010.

GARCIA, Jacinta Turolo. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1987. 138 p.

STEIN, E. *Sobre el problema de la Empatía*. Burgos: Monte Carmelo, 2007, v. 2, 949 p.

STEIN, E. *Ser finito y Ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*. Burgos: Monte Carmelo, 2007, v. 3, 1229 p.

STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2002. 201 p.